

A INSERÇÃO DE PESSOAS COM TEA (TRANSTORNO DE ESPECTRO DO AUTISMO) NO CONTEXTO ESCOLAR¹

Marizete Oliveira Santana²

RESUMO

O presente estudo sobre a inserção de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Contexto Escolar tem como propósito fundamental entender como se dá o processo de ensino e aprendizagem de um educando com TEA os quais apresenta diversas dificuldades e necessita do comprometimento de todos os profissionais envolvidos com a educação inclusiva e a parceria com a família na formação de uma rede de apoio, considerando as garantias de direitos a uma educação inclusiva. O nosso objetivo é observar e entender o processo de inclusão de uma criança na escola CECBA que trabalha com o Ensino Fundamental, e faz o atendimento educacional especializado. Trata-se de uma abordagem qualitativa na vertente Estudo de Caso que, nessa primeira fase, faz uma incursão preliminar na escola pesquisada com o intuito de recolher dados para a montagem posterior de um projeto de pesquisa mais avançada.

Palavras-chave: Centro Educacional Claudionor Batista - estudos de caso; crianças com Transtorno do Espectro Autista - Monte Recôncavo (São Francisco do Conde, BA); inclusão escolar - Monte Recôncavo (São Francisco do Conde, BA).

ABSTRACT

The present study on the insertion of people with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the School Context has as its fundamental purpose to understand how the teaching and learning process of a student with ASD occurs, who presents several difficulties and requires the commitment of all professionals involved with inclusive education and partnership with the family in the formation of a support network, considering the guarantees of rights to inclusive education. Our objective is to observe and understand the process of including a child in the CECBA school that works with Elementary Education, and provides specialized educational assistance. This is a qualitative approach in the Case Study aspect which, in this first phase, makes a preliminary incursion into the researched school with the aim of collecting data for the subsequent assembly of a more advanced research project.

Keywords: children with Autism Spectrum Disorder - Monte Recôncavo (São Francisco do Conde, BA); Claudionor Batista Educational Center - case studies; school inclusion - Monte Recôncavo (São Francisco do Conde, BA).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Jorge Pina Tavares.

² Graduanda em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho procuro estudar a inserção de alunos com TEA (Transtorno de Espectro do Autismo) na escola e entender como se dá a intervenção do Pedagogo no processo de ensino e de aprendizagem no contexto escolar. O objetivo do estudo é entender como se dá a inclusão de aluno com TEA na escola e a sua adaptação aos processos de ensino e de aprendizagem. Entender o processo de inclusão e de intervenção pedagógica na escola é um desafio para o(a)educador(a), considerando as dificuldades que a maioria das escolas públicas têm de se adaptarem às exigências da inclusão de crianças com necessidades educativas especiais. Abordar o direito de inclusão de alunos com TEA na escola ainda é um assunto que necessita de bastante estudo, pois é visível a falta de preparo das pessoas envolvidas nesse contexto para atender de forma significativa as necessidades desses alunos. Existem vários fatores que ainda interferem na prática de inclusão, visto que a maioria das escolas, principalmente as públicas não se adequam a esse processo, por falta de acessibilidade de profissionais qualificados, currículos adaptados, recursos metodologias e sistemas de avaliações adequadas, participação e aceitação por parte da família, fatores esses que darão possibilidades aos estudantes para aprenderem de forma eficaz.

O contexto escolar deve ser um ambiente acolhedor e propício para que ocorra o processo de ensino e de aprendizagem, e com isso cabe à escola adequar-se ao aluno com necessidades educativas especiais e não o contrário. Desta forma, o pedagogo, juntamente com os demais envolvidos nesse contexto, deve identificar as fragilidades existentes e propor condições para que de fato qualquer aluno, independentemente das suas dificuldades e/ou transtornos, tenha possibilidade de avançar cognitivamente e socialmente. Deste modo, para alcançar a aprendizagem, os alunos com TEA necessitam de métodos que atendam a realidade específica de cada um, de acordo com o meio em que vivem, seu histórico de vida, e possibilitar a sua integração social e desenvolvimento de novas habilidades e conhecimentos. Esses são os desafios existentes e vividos pelos envolvidos no processo. Desta forma a intervenção pedagógica contribui para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos autistas, pois busca entender o comportamento por inteiro enquanto ser humano, de que forma aprende e como funciona o cérebro no desencadear dos estímulos ofertados. Com um trabalho pautado na observação e no atendimento

específico é possível propor uma intervenção que possibilite o desenvolvimento dos mesmos de acordo com as necessidades.

2 ABORDAGEM TEÓRICA

No Brasil, a participação do aluno com TEA no ensino regular é garantida pela Lei De Diretrizes e Bases da Educação. Segundo a legislação, “O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes regulares de ensino regular” (art. 58, parágrafo § 2º).

O direito à vida em sociedade é determinado desde a constituição de 1988, isso não pode ser diferente para nenhuma pessoa, independentemente da condição em que vive. Os direitos são dados a todos os cidadãos, o que não se difere, em relação aos sujeitos que tenham na sua história algum transtorno. Com relação ao transtorno de espectro de autismo, os alunos devem ser respeitados e atendidos de acordo com as suas potencialidades e /ou dificuldades. De acordo com Garcia e outros,

A escola possui o compromisso do atendimento humano. Desta forma, é preciso adaptar-se às necessidades individuais de seus alunos e, não excluir aqueles julgados como “diferentes”, o que reflete no ensino-aprendizagem e nas relações interpessoais estabelecidas no contexto escolar. Essa mudança paradigmática, por sua vez, ocasiona a construção e desconstrução de crenças acerca das deficiências e suas (im)possibilidades. (Garcia; Bacarin; Leonardo, 2018).

Deste modo, é importante conhecer a complexidade que se tem em tratar as pessoas como iguais diante dos seus direitos e desconstruir as concepções que estigmatizam os indivíduos que apresentam o Transtorno de Espectro de Autismo. No presente estudo procuramos entender o histórico do autismo, os seus conceitos, as suas características e os tipos de TEAS com o intuito de descortinar como se dá o processo de ensino e de aprendizagem bem como as intervenções pedagógicas. Nessa fase preliminar da pesquisa, procuramos fazer o levantamento bibliográfico sobre o tema e a recolha de informações com base na observações do cotidiano da escola pesquisada, conversas ainda informais com alguns agentes da escola envolvidas na inclusão do aluno com TEA e na observação do próprio aluno participante da nossa pesquisa. Portanto, o nosso campo de estudo é o Centro

Educacional Claudionor Batista , no Monte Recôncavo, situado no Município de São Francisco do Conde-BA. A escola atende dois alunos autistas de forma específica. Possui uma sala de AEE (atendimento educacional especializado) com multiprofissionais e, na medida do possível, possibilita que os alunos com TEA, frequentem a sala regular com atividades adaptadas sob a orientação da professora de educação especial. O município contrata para cada aluno com necessidades especiais um agente de inclusão para acompanhar e mediar o aprendizado e a interação do aluno no contexto escolar e um professor de inclusão. Com os esforços da equipe escolar e os investimentos da Secretaria de Educação através da prefeitura Municipal, percebe-se que há uma preocupação em fazer de fato que a inclusão exista nas escolas e que o aluno com TEA seja atingido através do seu desenvolvimento. Desta forma é preciso conhecer as características do aluno e trabalhar de forma que alcance as suas possibilidades. Conforme Santos (2014),

O Autismo é um Transtorno Global do Desenvolvimento (também chamado de Transtorno do Espectro Autista), caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança. Essas alterações levam a importantes dificuldades adaptativas e aparecem antes dos 03 anos de idade, podendo ser percebidas, em alguns casos, já nos primeiros meses de vida. (Santos *et al.*, 2014, p. 4)

Discorrendo um pouco sobre a história do autismo, a literatura demonstra vários fatores associados aos nomes como transtorno autístico, autismo infantil e autismo infantil precoce, onde psiquiatras e psicólogos mostraram toda a preocupação em evoluir nos conceitos e identificar as características inerentes ao autismo. Como o lançamento do DSM-5(Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais 5ª edição) houve uma comunhão dos transtornos autistas, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento, originando-se o transtorno de espectro do autismo. Como observa Fonseca (2014),

O autismo era visto como um transtorno global do desenvolvimento (TGD), porque é uma alteração que afeta diversas capacidades como a comunicação, a socialização, e o comportamento do indivíduo, fazendo assim parte de um grupo de síndromes, classificado pelo CID10 e o (TID) conhecido como transtorno invasivo do desenvolvimento, porque abarca diversas dificuldades no desenvolvimento humano. Porém, o autismo recebeu um termo mais atual (TEA) que significa Transtorno do Espectro Autista, pois engloba a síndrome de Asperger, que não é mais vista como uma especificação distinta (Fonseca, 2014).

Na educação inclusiva, a escola deve adaptar-se às necessidades apresentadas pelas crianças e se transformar para recebê-las de forma que contribua para seu desempenho. As mesmas precisam obter um ambiente prazeroso, confortável, adaptável e que atenda às necessidades de todos, respeitando o tempo, o espaço e as diferenças de cada um. No entanto, deve existir a preocupação com a aprendizagem dos alunos e um planejamento de como podem ser realizadas as intervenções e adequações no programa de ensino e aprendizagem, que ajude no desempenho dos alunos, respeitando a diversidade para alcançar a almejada inclusão no contexto educacional. Nesse sentido, Teixeira (2018) sugere que

No ambiente sociocultural e afetivo da criança com TEA deve ser enriquecido com situações do tipo iniciação esportiva e atividades sociais, considerando que essas situações desencadeiam uma variedade de estímulos, normalmente, supervisionados pelos pais já orientados sobre o TEA (Teixeira, 2016).

O grande desafio é o de incluir e adaptar o currículo da escola de séries iniciais para um atendimento não excludente e especialmente para alunos com transtorno de espectro de autismo que é o foco deste estudo. Deste modo este trabalho de pesquisa discorre sobre a inserção do autista no contexto escolar. Para tanto consideramos pertinentes as informações sobre o conceito de autismo, causas e formas de intervenção pedagógica significativas para a qualidade das ações nesse processo, bem como destacar as intervenções que oportunizem uma prática concisa na metodologia de ensino e atendimento, possibilitando uma experiência de influência mútua, integrativa e social. Como nos sugere Martinez (1997),

O sucesso do processo de inclusão escolar depende de fatores de diferentes ordens (estruturais, ideológicos, políticos, técnicos) [...]. No trabalho pedagógico, essa necessidade faz-se mais evidente por ser o espaço onde a inclusão se efetiva (Martínez, 1997, p. 74).

Para alcançar a aprendizagem, os alunos com TEA necessitam de métodos que atendam à realidade específica de cada criança, de acordo com o meio em que vive, seu histórico de vida, valorizar o potencial de cada um e possibilitar a integração social e o desenvolvimento de novas habilidades e conhecimentos. Sendo esses os desafios existentes e vividos pelos envolvidos no processo.

A criança autista pode apresentar comportamentos diferentes, como: isolar-se dos demais colegas, falar pouco e não gostar de mudanças. As crianças com a

Síndrome de Asperger, tem o desenvolvimento da fala normal, porém gostam de falar sobre determinados assuntos os quais são de sua preferência. Alguns sintomas do autismo podem ser percebidos antes dos três anos de vida, e em alguns casos, os sintomas demoram a aparecer.

Como faz notar Cunha (2017, p. 19), “trata-se de uma síndrome tão complexo que pode haver diagnósticos médicos diferentes. Tem em seus sintomas incertezas que dificultam, muitas vezes, um diagnóstico precoce.” Percebemos, assim, que o autismo tem suas incertezas em relação as suas causas e sintomas e que em sua grande maioria permanece desconhecido entre às pessoas. Como observa Cunha, o diagnóstico tem quadros diferentes, variando de criança para criança e o grau que apresentam. Entendemos que um conhecimento das particularidades e principalmente da caracterização do quadro de TEA é fundamental para um planejamento e aplicação prática nos ambientes escolares, a fim de proporcionar momentos de crescimento e de formação dessas crianças. Segundo Sachinski (2009, p.132): “[...] muitas vezes, faz-se necessário adaptar a forma como são desenvolvidas as atividades, principalmente quando existem outras deficiências associadas ao autismo, como é o caso da mental e da visual.” Assim, é necessário o preparo do educador para que possa receber o aluno com necessidades especiais e adaptá-lo rapidamente à escola. Pois, o autista, tem dificuldades em se relacionar e desenvolver a linguagem seja ela oral ou escrita.

Do ponto de vista das práticas pedagógicas, o autismo é um campo aberto de interrogações e tentativas de acertamento e manejo; desde as práticas mais behavioristas até as recentes aproximações construtivistas, muitos trabalhos institucionais têm se voltado para a busca de métodos para educar ou ensinar o autista (Sanini; Bosa, 2015, p. 174).

Tais comportamentos podem ser observados durante uma brincadeira, ou uma conversa, podendo ser identificados nos primeiros anos de vida. Nesta perspectiva entendemos ser importante a inclusão dos alunos autistas na escola, para que assim possam melhor se desenvolver e se comunicar. De acordo com Gomes (2014, p.145) “estudos nacionais e internacionais revelam que os professores se sentem despreparados para lidar com a sintomatologia autista no contexto da sala de aula comum [...]”. Concordamos com o autor por entender que os professores estão despreparados para lidar com a síndrome autista nas salas de aulas, visto que muitos

não entendem sobre o assunto, e não sabem nem como proceder em relação aos mesmos, isto é, utilizar metodologia e atendimento adequados.

As dificuldades que mais aparecem em estudos de inclusão de crianças com TEA ou outras necessidades educativas especiais estão relacionadas com a metodologia que os professores devem utilizar, e que entendemos ser importante coincidir com a realidade do aluno. Supomos que a própria formação dos professores deixa lacunas, e as instituições de formação não garantem experiências com os alunos especiais, deixando muito a desejar neste sentido.

Podemos observar a necessidade de metodologias adequadas para o pleno desenvolvimento do autista, e ver o quão importante é o papel do professor, da sua metodologia, e da família. Neste sentido, Santos (2008, p.11), afirma que é necessário compreender como as crianças autistas entendem o mundo ao seu redor. Para esse autor “a importância de compreender esses processos nos ajudam, a saber, o que esperar das crianças em determinada idade e de que forma elas percebem o mundo a seu redor.” Entendemos que quando um aluno autista ingressa na rede regular de ensino, é de total responsabilidade dessas instituições (escola, professores e demais funcionários), assegurar seus direitos, bem como, sua alfabetização.

O papel da escola é fazer o reconhecido no nível da educação, na elaboração de estratégias para que estes alunos com autismo consigam desenvolver capacidades para se integrar e interagir com as outras crianças ditas “normais”. Já a família tem também um papel importante, pois é a responsável por dar atenção, cuidados, devendo zelar por toda uma vida.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A metodologia adotada no presente estudo é a abordagem qualitativa, com recurso à pesquisa bibliográfica e trabalho empírico realizado numa escola do Monte Recôncavo, baseado na observação e entrevista. Foi realizada uma visita à escola em diálogo com a vice-diretora, a coordenadora e algumas professoras da escola, inclusive a professora de educação especial, que relataram a experiência no atendimento de um aluno com TEA que a escola acolhe. Nesta visita foi possível acompanhar o trabalho realizado com um dos alunos que é acompanhado pela Professora de Educação Inclusiva - Lícia Lopes. Trata-se do educando JVBS

(abreviação do nome do aluno) . O educando em causa tem 13 anos e está matriculado na unidade escolar Centro Educacional Cláudionor Batista - Monte Recôncavo/são Francisco do conde BA. Apresenta laudo Médico com diagnóstico de Transtorno Global do Desenvolvimento com deficiência intelectual associada e Transtorno espectro do Autismo. o mesmo não verbaliza se comunica por gestos e emite sons, tem comprometimento motor nas mãos e suspeita diagnóstica de problemas de visão e hipótese diagnóstica de TDAH (observações a partir dos atendimentos),pois apresenta-se muito agitado e inquieto . É aluno da unidade desde o ano de 2023.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO TRABALHO EMPÍRICO

O campo de pesquisa escolhido foi a unidade escolar Centro Educacional Claudionor Batista, no qual estabelecemos um diálogo com três colaboradores que relataram sobre o trabalho desenvolvido na escola no atendimento do aluno. Para tanto, as questões norteadoras do diálogo foram: ações de parceria e suporte da Secretaria de educação juntamente com a escola; dificuldades e desafios na parceria com a família e questões acerca do funcionamento e atendimento do aluno e o seu perfil no contexto escolar.

Convém ressaltar que antes da realização da presente pesquisa, assinamos com os colaboradores um Termo de Consentimento, no qual foi garantido o anonimato do aluno que será identificado pelas iniciais do nome.

O dialogo foi realizado com a vice-diretora, a coordenadora pedagógica e a professora de Educação Especial . No diálogo foi perguntado sobre as dificuldades e desafios enfrentados na escola mediante a gestão escolar, coordenação pedagógica e o trabalho de docência no que concerne à educação inclusiva. A vice-diretora falou de todo processo da matrícula que é acessível a todos que estão na escolaridade e que no ato da matrícula já é identificado se aluno tem alguma necessidade especial, tendo o responsável apresentado o relatório que é anexado à pasta do aluno e em seguida direcionada para os profissionais para o acompanhamento. A escola dispõe de uma psicopedagoga e uma professora de Educação especial , tendo na sua estrutura uma sala específica para o atendimento. A gestão da escola entra como mediadora no atendimento às famílias, na organização e adaptação de espaço ,

disponibilidade de materiais de apoio e recursos que forem necessários para o desenvolvimento de uma prática eficaz que atenda a demanda do educando. As escolas do município têm um modelo de relatório padrão: quando se percebe a dificuldade da criança, ou alguma alteração visível, a equipe escolar se reúne e preenche esse relatório e encaminha para o PROAP. A partir daí a criança passa pela avaliação com a neurologista, pelo serviço social e identificando a demanda e eles são direcionados para as terapias e/ou atendimentos que a criança tiver necessidades. Esse encaminhamento só é feito caso os alunos não possuam relatório, cuja a necessidade ultrapasse os serviços de atendimento mantido pela escola. De acordo com a gestora o PROAP tem dificuldades de dar o suporte imediato diante da demanda existente. Segundo a vice-diretora Andrea Oliveira,

Os alunos matriculados na escola são atendidos de acordo com as necessidades e estímulos necessários para o seu desenvolvimento. A equipe está sempre em busca de novos conhecimentos e técnicas para dar o suporte necessário para que os profissionais qualificados realizem seus trabalhos da melhor maneira, buscando sanar as dificuldades existentes. 18 /07/ 2023

O trabalho com crianças com TEA na concepção da escola traz a aprendizagem, seja na linguagem, socialização, aprendizado motor, cognitivo. Em casos específicos traça-se objetivos e atividades com estímulos sensoriais para que a criança se aproxime do que é esperado para a idade dela. Segundo Andrea Oliveira o trabalho realizado na escola segue com o suporte dado pela secretaria de educação no que concerne à formação continuada para os profissionais da rede , a contratação de profissionais como agentes de inclusão para acompanhar cada aluno com necessidades especiais, inclusive o aluno com TEA, recursos didáticos e adaptáveis. A mesma enfatiza o projeto desenvolvido cuja o nome é “O Mundo do Theo”. Uma iniciativa que inova a dinâmica educacional a fim de facilitar a inclusão de estudantes autistas na rede pública municipal defendendo que a inclusão precisa ser construída dentro e fora do ambiente escolar. Por isso, todo o trabalho começa com a formação dos educadores que vão replicar o conteúdo para as salas de aulas e também para as famílias.

Um ponto abordado pela vice-diretora da escola pesquisada que o interessante ao tratar as questões de inclusão não está só na necessidade de formar a criança, mas nas pessoas que se relacionam com este educando. Por isso fomentar ações que preparem essas pessoas para o processo de ensino

aprendizagem é de fundamental importância para o êxito de todos. Desta forma, conforme recomenda a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

os profissionais são preparados para incentivar habilidades para que as crianças, seus familiares e a comunidade escolar possam desenvolver uma comunicação assertiva, com senso de comunidade e civilidade; empatia e estado de presença, inclusão e aceitação; cooperação e responsabilidade social; resiliência, respeito e pertencimento; superação do capacitismo; redução de situações de bullying e da evasão escolar; leitura, interpretação e escrita.

A professora Lícia Lopes relata sobre sua vivência com o educando e é perceptível a ênfase dada pela profissional ao que é esperado em relação ao cuidado para com a criança e com seu processo cognitivo.. No seu relato a mesma expõe como se dá o processo no momento que o aluno é inserido na escola. Inicialmente a primeira ação do AEE (Atendimento educacional especializado) junto à equipe de multiprofissionais é o contato com a família para conhecer a realidade vivida pelo aluno no meio familiar. Segundo a professora Lícia Lopes “na visita domiciliar junto com a Assistente social e psicopedagoga foram realizadas algumas intervenções, com o objetivo de receber o educando na unidade escolar para as aulas”.

Deste modo a professora continua falando sobre o primeiro dia do aluno *JVBS* o qual chorou muito e não queria ficar, escondia-se debaixo da mesa e a todo o instante apontava para a porta, mostrando que queria sair. O aluno foi acompanhado da Agente de Inclusão, profissional que atende suas necessidades, cujo direito lhe é concedido por meio do relatório e por apresentar necessidade de suporte em atividades de vida diária no espaço Escolar. Com o passar dos dias, notou-se que o aluno começou a apresentar avanços significativo no que se refere ao comportamento, sendo que não mais se esconde de baixo de mesas e cadeiras, interage com todos no ambiente escolar, realiza bem as propostas de atividades planejadas pelo atendimento e está sendo inserido nas atividades curriculares.

De acordo com o relato acima é perceptível que o Atendimento Educacional Especializado muito contribui no processo de estimulação cognitiva para o desenvolvimento global do educando e promoção de autonomia nas atividades diárias. Quanto às dificuldades apresentadas refere-se também às habilidades acadêmicas - Não escreve, apenas rabisca, contudo várias atividades são desenvolvidas para seu gradativo progresso. Cada avanço é considerado de forma significativa como por exemplo: melhorou sua concentração e atenção nas propostas

apresentadas, comporta-se melhor no espaço social e convive bem. Em alguns momentos apresenta-se agressivo, contudo acalma-se após diálogo feito pela professora do AEE, a qual ele obedece os comandos. O Aluno é estimulado e tem acesso a vários recursos, realiza atividades recreativas, alimenta-se no espaço escolar e já faz uso do banheiro, o que inicialmente não conseguia. A princípio a queixa era referente a higiene e limpeza e que a família vivia em situações socio-econômicas precárias.

De acordo com a coordenadora Giselia Monteiro o aluno JVBS tem evoluído consideravelmente, aprendendo comportamentos para convivência em grupo e tem adquirido autonomia nas atividades da vida diária. Além de receber cuidados de higiene e limpeza pela agente de inclusão em parceria com a professora do atendimento. A mesma pontua que o desenvolvimento do trabalho em parceria contribui bastante na vida do educando. As articulações realizadas em prol da educação inclusiva dá ênfase a um trabalho significativo, onde o planejamento está associado ao Projeto político pedagógico . Isso tem como base o atendimento educacional especializado (AEE). Previsto pela Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva, o AEE é uma forma de garantir que o educando com deficiência tenha acesso a um conjunto de apoios e de recursos que minimizem as dificuldades enfrentadas com base em sua necessidade. A coordenadora pontua que:

O atendimento educacional especializado não é um serviço pronto a ser aplicado, mas implica em uma concepção com base no processo de participação e colaboração recíproca entre todos os envolvidos, pois, nessa perspectiva, pode vir a contribuir para a construção da cultura educacional inclusiva.

Diante da realização desta pesquisa, é perceptível no que tange às políticas de inclusão o envolvimento da escola e os seus reflexos no processo de aprendizagem dos alunos. Analisando os relatos das atividades desenvolvidas com aluno com TEA, citado nesse estudo, verifica-se que existe uma preocupação da escola em proporcionar um espaço inclusivo.

Compreende-se que isso não é tarefa apenas da instituição escolar, mas de toda a comunidade com o auxílio dos pais, funcionários e profissionais de diferentes áreas da sociedade, debatendo ideias e buscando meios de alcançar as metas sugeridas no projeto político pedagógico. Diante da realidade, percebe-se o quanto é

fundamental uma formação continuada para os profissionais e as ações conjuntas entre os setores sociais para o bem comum em prol das garantias de direitos desse público que está inserido em um contexto preparado para de fato ocorrer a inclusão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ter um conhecimento mais profundo e reflexivo do que é o TEA são necessários estudos contínuos, considerando a intensidade literária sobre o assunto e a importância da busca por novas formas de aprendizagem, bem como, também a capacidade de compreender que se têm sempre coisas novas a aprender. Com isso o pedagogo tem uma importância muito grande no atendimento dessas crianças, pois oferece possibilidades de oportunizar a inserção do aluno com TEA , em qualquer contexto da sociedade de forma singular , cada um com seu jeito de apreender e se desenvolver.

É função da escola, mais precisamente do professor, elaborar estratégias, práticas de ensino, metodologias adequadas, materiais diversificados para o trabalho com os alunos autistas, para que estes consigam se desenvolver, interagir e aprender cada vez mais e, desta forma, é importante que família e escola sejam aliadas neste processo.

O cuidado com a pessoa com TEA exige da família intensos e permanentes períodos de dedicação, provocando, em muitos casos, a diminuição das atividades de trabalho, lazer e até de negligência aos cuidados à saúde dos membros da família. Isto significa que estamos diante da necessidade de ofertar, também aos pais e cuidadores, espaços de escuta e acolhimento, de orientação e até de cuidados terapêuticos específicos.

Educar para a inclusão é formar uma corrente onde todos os envolvidos precisam entender e se preparar para proporcionar aos alunos com TEA, um serviço de qualidade e adequado para o seu desenvolvimento de acordo as suas possibilidades. É um processo desafiador, porem de suma importância por tratar de vidas que dependem dessa rede de apoio para atendê-los.

REFERÊNCIAS

- AIRES, C. S.; ARAÚJO, M. V.; NASCIMENTO, G. **Autismo**: convívio escolar, um desafio para a educação. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.
- BOSA, C. **Autismo**: atuais interpretações para antigas observações. Disponível em: . Acesso em: 21 jun. 2018.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro, 2017.
- GOMES, R. C.; NUNES, D. R. P. Interações comunicativas entre uma professora e um aluno com autismo na escola comum: uma proposta de intervenção. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 143-161, jan./mar. 2014.
- FONSECA, Vitor da. Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. psicopedag.** 2014, vol.31, n.96 [citado 2020-07-27], pp. 236-253 .
- GARCIA, R. A. B.; BACARIN, A. P. S.; LEONARDO, N. S. T. Acessibilidade e permanência na educação superior: percepção de estudantes com deficiência. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2018.
- GONRING, V. M. Síndrome de Asperger. In: DRAGO, R. **Síndromes conhecer, planejar e incluir**. Rio de Janeiro: WAK, 2012.
- SACHINSKI, I. **O contexto familiar e a síndrome autística: desafios e perspectivas**. In: STENZLER, M. et al. Caminhos do conhecimento: trilhas e encruzilhadas. União da Vitória: Kayganguê, 2009.
- SANINI, C.; BOSA, C. A. Autismo e inclusão na educação infantil: crenças e autoeficácia da educadora. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 20, n. 3, p. 173-183, jul./dez. 2015.
- SANTOS, A. **Autismo**: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.